

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO**

Giovana Erthal Campos

HISTÓRIA SENTIDA:
um podcast narrativo sobre sentimentos

**Juiz de Fora
2024**

GIOVANA ERTAL CAMPOS

HISTÓRIA SENTIDA:
um podcast narrativo sobre sentimentos

Monografia apresentada ao curso de Comunicação Social - Jornalismo da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial para a obtenção do grau de bacharel.

Orientador(a): Prof. Dr. Álvaro Eduardo Trigueiro Americano.

Juiz de Fora
2024



UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA

ATA DE DEFESA PÚBLICA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO – TCC

ATA DE DEFESA, PERANTE BANCA AVALIADORA, DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO DO(A) ALUNO(A) **GIOVANA ERTHAL CAMPOS**, PARA OBTENÇÃO DO TÍTULO DE BACHAREL EM JORNALISMO PELA FACULDADE DE COMUNICAÇÃO (FACOM) DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA (UFJF). INTEGRARAM A BANCA AVALIADORA O(A) PROFESSOR(A) ORIENTADOR(A) DR. ÁLVARO EDUARDO TRIGUEIRO AMERICANO E OS CONVIDADOS DR. RICARDO BEDENDO E DR. JOÃO PAULO CARRERA MALERBA. AOS 10 DIAS DO MÊS DE julho DE 2024, ÀS 10 HORAS, NA FACULDADE DE COMUNICAÇÃO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA, SALA **111**, REALIZOU-SE A APRESENTAÇÃO PÚBLICA DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO PELO(A) DISCENTE. O(A) ORIENTADOR(A) ABRIU A SESSÃO AGRADECENDO A PARTICIPAÇÃO DOS MEMBROS DA COMISSÃO EXAMINADORA. EM SEGUIDA CONVIDOU O(A) ALUNO(A) PARA QUE FIZESSE A EXPOSIÇÃO DO TRABALHO INTITULADO: **História sentida: um podcast narrativo sobre sentimentos** E OS AVALIADORES PROCEDERAM A ARGUIÇÃO DO(A) ESTUDANTE. DANDO CONTINUIDADE AOS TRABALHOS, O(A) ORIENTADOR(A) SOLICITOU A TODOS QUE SE RETIRASSEM DA SALA PARA QUE A BANCA AVALIADORA PUDESSE DELIBERAR SOBRE O TRABALHO APRESENTADO. TERMINADA A DELIBERAÇÃO, O(A) ORIENTADOR(A) SOLICITOU A PRESENÇA DE TODOS E LEU A ATA DOS TRABALHOS, DECLARANDO **APROVADO** O TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO DO(A) DISCENTE. EM SEGUIDA, DEU POR ENCERRADA A SOLENIDADE, DA QUAL SE LAVROU A PRESENTE ATA.

Juiz de Fora, 10 de julho de 2024.



Documento assinado eletronicamente por **Alvaro Eduardo Trigueiro Americano, Professor(a)**, em 11/07/2024, às 09:31, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **João Paulo Carrera Malerba, Professor(a)**, em 11/07/2024, às 09:39, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Ricardo Bedendo, Professor(a)**, em 11/07/2024, às 13:54, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no Portal do SEI-Ufjf (www2.ufjf.br/SEI) através do ícone Conferência de Documentos, informando o código verificador **1855078** e o código CRC **A1A10EA2**.

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Erthal Campos, Giovana.

História sentida: um podcast narrativo sobre sentimentos / Giovana Erthal Campos. -- 2024.
41 p.

Orientador: Álvaro Eduardo Trigueiro Americano
Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Comunicação Social, 2024.

1. Mídias sonoras. 2. Podcast. 3. Rádio hipermidiático. 4. Rádio expandido. I. Trigueiro Americano, Álvaro Eduardo, orient. II. Título.

Sou grata aos que se fizeram presente em mim durante estes anos tantos. Há afeto e gratidão descomedidos por todos. Sei que cada palavra que dou tem um pouquinho desses vários que me falam e me escutam. Estou, e estarei ao longo da vida toda, nesta tentativa de devolver seus amores. Sinto um bocado que há sempre de escapar. Obrigada pelo incentivo de me desencontrar para que eu finalmente me ache.

Agradeço ao meu orientador, Álvaro Americano, pela sua tranquilidade e rigidez, pela sua expertise e sua sensibilidade, pelas orientações precisas e pela liberdade desmedida.

Agradeço Ana Carolina, Fernanda e Manuela pela companhia que me moldou.

Adriana, André e Dudu, obrigada pelas chances e pelo apoio de uma vida.

Wilma e Zezé, agradeço a escuta e o incondicional carinho.

Jéssica e Karyn, queridas confidentes, sinto-me acolhida em nossos laços.

À Camila, Naína, Lázaro e Renato, dedico todo o afeto.

Sou grata pelo amor de vocês, Nina, Júlia, Pedro e Amanda.

O agradecimento mais sincero é apenas fragmento desta gratidão bonita que sinto.

“Se contar o acontecido já é uma traição com o vivido, pois, muitas vezes, se trata de uma reconstrução malfeita das lembranças, recontar o que ouvimos pode ser uma dupla traição. Por isso, recontar é um trabalho perene, infindo.”

Conceição Evaristo (*Canção para ninar menino grande*)

RESUMO

Este trabalho discute o processo de produção de um podcast narrativo, chamado “História sentida”, partindo de uma ideia de produto até a sua concretização. O memorial sustenta-se em aportes teóricos que se ligam à hipermidialidade e na expansão radiofônica. As pesquisas sobre podcast, referenciadas no trabalho, tratam das transformações do rádio tanto em aspectos tecnológicos, quanto conceituais. Há um consenso de que o rádio ocupa novos espaços, na constante busca por adaptação à contemporaneidade, o que Debora Lopez aborda como “atualização das estratégias e de hábitos de trabalho”. Além disso, permeia o texto o conceito de “rádio expandido” de Kischinhevsky, que destaca a “estrutura desmaterializada e desterritorializada” do meio radiofônico atual. O podcast emerge de noções do Radiojornalismo, porém se ramifica para áreas que ultrapassam normas puramente jornalísticas. Este memorial explicita como o “História sentida” foi construído, dando conta dos objetivos iniciais até as conclusões acerca do produto finalizado. Como experimentação, esse podcast nasce com a intenção de ser um mapa sonoro de sentimentos, com a proposta de apresentar uma narrativa a cada episódio.

Palavras-chave: mídias sonoras, podcast, rádio hipermidiático; rádio expandido.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
1. PODCAST COMO EXPRESSÃO.....	11
1.1 CONTEXTUALIZAÇÃO.....	11
1.2 ESTRUTURA E LINGUAGEM DA MÍDIA SONORA.....	13
1.3 RÁDIO EXPANDIDO.....	14
1.4 RÁDIO HIPERMIDIÁTICO.....	15
2. AS CONEXÕES ENTRE SOM E EMOÇÃO	17
3. DIÁRIO DE PRODUÇÃO.....	22
4. ROTEIRO DO EPISÓDIO PILOTO.....	27
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	38
REFERÊNCIAS.....	40

INTRODUÇÃO

O podcast narrativo “História sentida” surge de uma curiosidade insistente em mim. A minha escuta de podcasts começou, de jeito inconstante, em 2019, quando a produção desse tipo de conteúdo e o estudo científico sobre o meio se avolumavam. No entanto, foi apenas em 2022 que passei a considerar esse espaço na minha rotina. De lá para cá, o que antes era um interesse muito sutil se tornou atração e fascínio robustos.

Desenvolver um trabalho de conclusão de curso sobre podcast foi um jeito de dar vazão à vontade de expandir os meus conhecimentos, adentrar de fato o ambiente teórico que está sendo construído há mais de dez anos. A transformação das mídias sonoras, em técnica e influência, exige frequente adaptação por parte de alunos, professores e profissionais. No meu caso, eu desejei um aporte teórico que ainda não tinha visto no curso.

A escolha pela produção, ao invés de uma análise, objetivou percorrer os diferentes níveis do formato. Existiria a necessidade de um aprofundamento das teorias, mas também seria possível todo o processo de criação. Acredito que conhecer a origem facilita localizar o produto no presente, pois possibilita um aprendizado a partir do que já foi feito. Tive contato com pesquisas analíticas sobre programas, como o Trabalho de Conclusão de Curso de Luíza Nascimento Andrade, defendido na Universidade Federal de Juiz de Fora, e a tese de mestrado de Mauro Graça do Amaral, apresentada na Universidade do Estado do Rio de Janeiro, ambos de 2022, que destrincharam a construção, o modelo e as decisões de podcasts conhecidos nacionalmente. Esse tipo de material me ajudou, gradativamente, a delimitar a minha criação. Além disso, foi essencial partir de estudos de Radiojornalismo, principalmente de Kischinhevsky (2009, 2020), Lopez (2010) e Viana (2018), para entender as particularidades do meio.

Se a carga teórica foi tranquila de administrar, a parcela prática exigiu muito. A etapa mais demorada foi a definição de partes-chave do podcast, tal qual estrutura, temática, gênero. Busquei exemplos para cada ideia que tive, numa tentativa de confirmar se era aquela a que eu deveria seguir. Cheguei, em uma percepção lenta, em sentimentos. Notei sua onipresença em todos os momentos da vida. Eu falava e ouvia sobre sentimentos; escrevia também sobre as emoções causadas e represadas; e principalmente achava graça em olhar a vida sob essa ótica. ‘História sentida’, com uma despreensão característica minha, é recorte de muito do que vi, ouvi e senti. Ele não quer validar ou invalidar o que o outro sente, nem mostrar que há um padrão de sentir. Este podcast apresenta entendimentos e vivências, que são heterogêneas e variáveis.

Aborda-se, nas mais diferentes análises e conversas, os termos ‘história oral’ e ‘história escrita’. Trazem com eles as divergências nos registros, os impactos nas gerações e todo o simbolismo de ter algo grafado no papel ou contado de boca em boca. O nome do podcast almeja rondar o que se diz quando a narrativa não se utiliza sequer de palavra. As histórias contadas nos episódios importam-me por trazer sentimento e noções variadas do sentir. Seja ela um caso de família, uma fofoca da rua de baixo ou o maior segredo da cidade. Afinal, toda história é influenciada pela maneira que a enxergamos e a sentimos; não é possível contar caso sequer com absoluta imparcialidade, embora o curso de Jornalismo tenha como essência o princípio da ética, que preza sempre pela veracidade das informações.

Cada entrevista me possibilitou não apenas aprofundar a sub-temática da narrativa, como também perceber a história por outra lente. A psicóloga Cecília Franco, inclusive, comentou durante a entrevista que aquilo era uma leitura para me “ajudar a ler além dessas palavras”. A conversa, que abordou ciúme, idealização e maturidade, se expandiu para o terreno não antes previsto por mim do amor próprio.

A entrevista com a pesquisadora da Ciência da Religião, Daniela Barbosa, apresentou a emoção tão presente nas falas de Renata, personagem principal, sobre fé. A pesquisadora, em seu relato que mistura a vida acadêmica com a pessoal, explicou didaticamente partes da religiosidade de origem africana, dando ainda mais significado aos momentos que a personagem compartilhou no episódio.

Entrevistar uma das personagens da narrativa, Renata Paraquett, foi retornar com ela à Santa Rosa, na década de 1980. Fui ali, para além de ouvinte, participante de sua história enquanto os causos jorravam de sua fala. Enquanto jornalista, me preocupei em lhe dar direcionamento durante a entrevista, mas em momentos variados deixei-lhe se aprofundar em pontos que, concretamente, não me serviriam para que a curiosidade intrínseca a mim, e a tantos outros estudantes de Comunicação, fosse sossegada. A conversa com a filha de Renata, Manuela Paraquett, deu conta de mostrar outros lados da mesma história, além de propiciar um vislumbre muito sensível e particular de uma vivência mãe e filha. O processo de produção deste trabalho foi similar à construção de uma grande reportagem e isso satisfaz enormemente a menina que desejou cursar Jornalismo para contar histórias.

1. PODCAST COMO EXPRESSÃO

Frente às heranças do rádio hertziano, o podcast se coloca como o mais próximo de um herdeiro. Tal concepção não deseja induzir à ideia de que o rádio teve seu fim. Ele apresenta, todavia, enorme vivacidade com as tentativas de adaptação. O surgimento do podcast influencia a maneira de consumo de produtos radiofônicos, a produção, a relação com o tempo e com a audiência. Na mesma medida, muitas práticas do podcasting foram inspiradas pela cadeia produtiva da radiodifusão.

A movimentação estrutural da comunicação, causada pelo podcast, se alinha às constantes atualizações tecnológicas e às novas mentalidades e necessidades da população. O mundo conectado reivindica qualidades e atributos diferentes dos exigidos à época do monopólio do rádio. A cada década, a compreensão acerca do tempo se ramifica, estimulando dinâmicas imediatistas que se encaixam tanto nos modos de trabalho, quanto nos relacionamentos pessoais. O podcast, apoiado em técnicas características da era digital, se destaca com sua essência atemporal. A disponibilidade dos produtos, que podem ser ouvidos a qualquer momento e em qualquer lugar - haja vista a opção de *download*, combina com um modo de vida que valoriza o tempo sob demanda.

Além disso, é intrínseco ao ser humano a vontade de se comunicar. A renovação dos meios e a criação de ferramentas, ou o aprimoramento das mesmas, possibilitam experimentações na transmissão de informações. O indivíduo é livre para mesclar sua linguagem, sua construção narrativa, os recursos que fundamentam ou complementam o produto, expandindo a experiência do ouvinte e aproveitando as técnicas da atualidade.

1.1 CONTEXTUALIZAÇÃO

O podcasting, em essência, engloba características da radiodifusão em um processo de remediação. A origem se dá na transposição de conteúdos radiofônicos para hosts digitais com a máxima pretensão de disponibilizar programas que já haviam sido transmitidos na grade. Essa possibilidade de inserção no meio digital, através da tecnologia de *RSS*, isto é, um formato de distribuição de conteúdo pela *internet*, suscitou não apenas a criação de produtos inéditos para o novo formato, mas também colaborou com a criação de acervos de produção do rádio (Vicente, 2018).

É válido ressaltar que o desenvolvimento de diferentes formatos não segue uma ordem unilateral de impacto, fomentam-se transformações mútuas. No caso do podcasting, “a

radiodifusão também sofrerá atualizações a partir dessa nova forma digital de produção em áudio” (Primo, 2005, p.80). O autor também aborda uma “dessincronia entre produção, publicação e escuta”, ou seja, é também alterada a relação de tempo entre o consumidor e o produto, o que por consequência afeta a interação entre produtor e audiência.

Reflexões sobre o tempo também são encontradas na análise de Lopez (2010) em especial no estudo sobre hipermedialidade. A autora afirma que a influência das mídias digitais “potencializou características anteriores como a interatividade e o imediatismo e assumiu outras, como a memória, a multimidialidade e, em alguns casos, a personalização (Lopez, 2010, p.114)”.

O entendimento da sociedade acerca do podcasting também é percebido em constante modificação. As diversas leituras sobre o produto indicam a exploração do universo “podcast” a partir do desejo por novas formas de narrativa ou de interesses advindos do público. Atualmente, o podcasting é lembrado pelas entrevistas transmitidas pelo *Youtube*, pelos produtos sonoros disponibilizados nos principais aplicativos de música ou ainda em websites com recursos multimídia. Esse atributo de multiplataforma faz parte da origem do podcast, como resume Assis (2011, p.47): “o podcast passa a ser a mídia transmitida via podcasting, seja ela qual for. O podcasting é então a forma de transmissão digital de mídia ponto a ponto através do *feed RSS*”. A descaracterização ou a ramificação da ideia inicial do podcast, que hoje não se limita ao áudio nem aos agregadores, pode ser entendida também como o trunfo de um formato que se adapta ao ritmo da sociedade.

Além disso, a descentralização no processo produtivo, exemplificada pela praticidade na gravação, edição e divulgação de um produto, permite uma nova gama de atores sociais e, por conseguinte, uma diversidade temática. A potencialidade do formato podcasting, assim, se mostra maior do que a multimidialidade como suporte ou complemento, ela se dá na possibilidade de criação e de disseminação de narrativas à margem do rádio. Kischinhevsky (2009, p.225) salienta que, durante a escuta do rádio, “nos reconhecemos como indivíduos pertencentes a coletividades”.

De caráter recente e intrínseco às características da era digital, esse formato deve ser pesquisado sob uma ótica atual que não seja atrelada exclusivamente às noções de radiodifusão. Um dos movimentos que praticam a análise do meio é a PodPesquisa, realizada pela Associação Brasileira de Podcasters (ABpod). Em 2018, a ABpod sistematizou o quantitativo da comunidade produtora e ouvinte de podcasts. A última edição (PodPesquisa Produtores 2021), datada de 2020-2021, apresentou uma estimativa de mais de 30 milhões de ouvintes no país após a pandemia da Covid-19.

O estudo da Associação inclusive evidenciou que o podcast ainda não ultrapassou os limites do nicho, segmentado principalmente por região com mais da metade (54%) dos produtores sediados no Sudeste brasileiro. Consideradas as limitações do trabalho da ABpod, entende-se a PodPesquisa como um objeto precursor e relevante para a discussão sobre a cadeia produtiva do formato e, por isso, a exemplificação no presente artigo.

1.2 ESTRUTURA E LINGUAGEM DA MÍDIA SONORA

Na reportagem radiofônica, situada no contexto da radiodifusão, o áudio é a única linguagem para a construção da narrativa. O desafio sempre foi suprir a demanda de informação do ouvinte, além de captar a atenção, com o som. O produtor possui a liberdade de mesclar os elementos, como a palavra, música, silêncio e efeitos sonoros (Balsebre, 2005) para atingir o seu objetivo. Quando há o avanço dos produtos do rádio para as mídias digitais, verifica-se um novo cenário de possibilidades para a linguagem.

Os recursos disponíveis funcionam tanto como complemento, quanto como suporte ao áudio, permitindo a elaboração de diferentes estruturas narrativas. A informação pode ser compreendida por mais de um formato, mesmo que eles estejam agrupados no mesmo produto. A pesquisadora Luana Viana, baseando-se nos estudos de multimídia e do rádio expandido (Kischinhevsky, 2009), propõe o conceito de reportagem radiofônica expandida:

[...] observamos os potenciais usos do áudio reiterando a característica de proximidade da composição sonora radiofônica – que utiliza a exploração de história de vida, personagens e da emocionalidade através da trilha sonora e efeitos – com a complexificação característica das produções multimídia e produções especiais (Viana, 2018, p.117).

Como enfatiza Vicente (2018, p.97), existe uma “efetiva autonomização do podcasting em termos de linguagem e uso social”, viabilizados em parte pela capacidade técnica de equipamentos que indivíduos fora dos grandes veículos podem ter acesso. A disponibilização de imagens, textos, hiperlinks, complementos sonoros e gráficos pode gerar um aprofundamento da informação e promover um exercício de escuta ainda mais imersivo. O fenômeno da multiplataforma, ademais, favorece maneiras de interação distintas e variáveis. Cada mídia fomenta um tipo de contato do público com o produtor e essa comunicação tende a se espalhar com o desenvolvimento do produto pelo espaço digital.

Viana (2022), já em outra pesquisa que se aprofunda no *podcasting*, destaca a existência de uma produção narrativa distinta nesse formato. Defende-se que o radiojornalismo narrativo se alinha à

técnica narrativa de *storytelling*, que se dedica em montar linhas narrativas mais envolventes, flerta com aspectos da radiodramaturgia e demanda uma escuta atenta, contribuindo com a experiência imersiva do áudio (Viana, 2022, p.113).

Baseando-se vez mais no trabalho de Kischinhevsky, ela apresenta fatores que indicam a diferente temporalidade nos podcasts narrativos, tais quais: a apuração em profundidade, o uso de ilustração dos personagens e a ausência de restrição de tempo das sonoras (VIANA, 2022, p.109). A linguagem, portanto, adota caráter ainda mais pessoal, possibilitando uma imersão do apresentador, que não só conduz a história, como também participa dela.

1.3 RÁDIO EXPANDIDO

As produções acadêmicas divergem na interpretação e na definição do podcast, que é trazido como formato, prática e até como meio. É nítida a dúvida: o podcast é uma reinvenção do rádio, uma expansão ou algo além? Este memorial, contudo, não possui a pretensão de responder a questão e nem de encerrar a discussão. Ele objetiva, por outro lado, destacar brevemente pontos destas mais diversas análises para enriquecer o diálogo.

Parece infrutífera a tentativa de delimitar algo que essencialmente surge de uma expansão. A cada leitura, torna-se mais evidente a necessidade do podcasting de superar não só a radiodifusão como a si mesmo. Se antes o movimento era de disponibilizar mais um produto ao público e facilitar um acervo, o que Lopez (2010) destaca como uma função de memória, o tempo demonstrou a oportunidade de criação de conteúdos inéditos e em moldes diferentes dos tradicionais. Os atores sociais passaram a elaborar programas com linguagem e estrutura específicas para um ouvinte de podcast. E, hoje, é notável a expansão pelo meio digital com o produto sonoro acompanhado de imagens e textos em websites.

A ampliação técnica, dependente da atualização da tecnologia, é apenas uma das vertentes do conceito de Rádio Expandido. Dentro da conceituação, existem também os efeitos de uma mídia independente, que teoricamente abrange perspectivas plurais. Reforço o caráter teórico da independência do meio, já que, na prática, os privilégios de classe, de gênero e de raça ainda se fazem notáveis nesta cadeia produtiva - na PodPesquisa de 2020/21

(PodPesquisa Produtores 2021), 75% dos produtores eram homens, 80% heterossexuais e 58% se declararam brancos.

O espaço do podcasting, no entanto, indica ser favorável às narrativas de nicho, com enfoque em subculturas ou temas específicos de minorias, com “poder de aglutinação social, expressão de valores e formação de identidade de grupos” (Kischinhevsky, 2009, p.234). A diversificação do discurso se alinha à importância do reconhecimento entre emissor e receptor, favorecendo inclusive a escuta contínua:

[...] a fidelização do ouvinte, que passa a ter a possibilidade de acompanhar sua emissora, de tê-la ao seu lado quando queira. Desta forma, é possível ampliar as áreas de abordagem das produções, desenvolvendo conteúdos especializados, que serão consumidos sob demanda. Além disso, é possível também o compartilhamento da produção do ouvinte com a emissora, fortalecendo o vínculo entre ambos e potencializando tanto a fidelização quanto a participação do público (LOPEZ, 2010).

O desdobramento do rádio para diferentes plataformas é a origem do conceito de expansão de Kischinhevsky e suas consequências acabam se misturando às discussões de multimídia no jornalismo.

1.4 RÁDIO HIPERMIDIÁTICO

O contexto atual da produção jornalística exige uma convergência de ferramentas e de conteúdo para que o rádio permaneça na disputa pela atenção do público. Essa necessidade característica da sociedade digital sustenta os questionamentos sobre a relevância de reestruturação desse formato.

A atualização deveria englobar o processo produtivo em sua integralidade, desde a elaboração do conteúdo até a montagem e veiculação do produto. Surge dessa reflexão o rádio hipermidiático, uma revisão de estratégias e de conceitos para atender às novas demandas, pois, de acordo com Lopez (2010, p.37), “é tempo de pensar o radiojornalismo para além de sua concepção tradicional, considerando as especificidades de suporte que criam uma nova estrutura narrativa para o rádio”.

Entende-se a internet como um meio propulsor do rádio, não um concorrente. É no ambiente digital e global que as noções de radiodifusão se convertem em uma outra linguagem, avançando por outros espaços e, por conseguinte, atingem diferentes públicos. O podcast se orienta por essa ideia de renovação, aproveitando o desenvolvimento tecnológico

das ferramentas e dos métodos de divulgação, isto é, avançando pela variedade existente de recursos:

A tendência, para o futuro do rádio em sua configuração hipermidiática, é que ele passe a congregar produções audiovisuais, fotográficas, infográficas e de texto, buscando a complementação e ampliação do conteúdo sonoro. Com isso, novas habilidades serão demandadas do profissional deste meio de comunicação e novas funções serão criadas para esse jornalista do rádio em ambiente de convergência (Lopez, 2010, p.41).

Percebe-se o poder de atratividade de um produto que extrapola o seu formato originário, visto atualmente na popularidade de podcasts que são disponibilizados com imagens. A escolha pelo recurso visual amplia e/ou diversifica a experiência do ouvinte/telespectador, além de possibilitar outras formas de divulgação. A hipermidialidade do rádio se exemplifica pelas suas potencialidades dentro da esfera digital que permite, de maneira acessível, a elaboração de produtos em uma convergência de formatos.

2. AS CONEXÕES ENTRE SOM E EMOÇÃO

A partir de escutas e de leituras, o podcast sempre se mostrou um espaço de experimentação. Sendo uma revisão, desprendida de normas tradicionais e fixas de um meio como o rádio, parecia natural e acertado que a prática estimulasse novas construções de narrativa e se ampliasse com a inserção de diferentes sujeitos. Nasceu dessa curiosidade pelo experimento e dessa perspectiva de me testar em uma área pouco explorada o desejo de produzir um trabalho prático.

Eu sabia que a elaboração de um produto, a princípio, apenas sonoro já seria desafio o suficiente para mim, mas a lapidação da temática complicou um pouco mais a tarefa. A definição pelo tema de “sentimentos” não foi imediata, porém demonstrou desde o início ser a ideal. Percebi, de 2022 para cá, a constância de pensamentos sobre emoções, não só meus como de todos ao meu redor. Como somos impactados pelos afetos tornou-se um questionamento frequente e um assunto que se estendeu por horas em diversos encontros.

A fim de facilitar a compreensão, já que o objetivo se mostra para além de uma discussão puramente teórica, este memorial e o experimento prático colocarão “emoções”, “sentimentos” e “afetos” como sinônimos. Essa preferência se dá pelo desejo de propiciar um acesso facilitado ao objeto, assim como pela vontade de diversificar a linguagem. Torna-se necessário explicitar esse objetivo que em nada se aproxima de um entendimento de que teoricamente esses termos se equivalem.

A principal preocupação se deu pela dúvida com a abordagem do objeto de estudo sob um viés jornalístico. A forma de sentir conta com inúmeras variáveis, constituindo-se um grupo tão amplo e diverso que toda e qualquer análise é segmentada e nunca completa. Para preencher pré-requisitos e valorizar as ferramentas do curso de Jornalismo, a linha narrativa do podcast sobre sentimentos é fundamentada em pesquisa e entrevista. Além disso, a prática do podcasting possibilita o processo de imersão pelo ouvinte que se diferencia em intensidade dos outros formatos:

[...] embora o som tenha perdido sua primazia para a imagem na sociedade ocidental, ainda é fundamental para a construção da noção de tempo e espaço, retomando, a partir de um contexto sonoro, experiências que remontam à sua memória, pelo processo apresentado por Balsebre (1994). Trata-se da qualidade emocional do som e do seu papel no processo comunicativo. [...] Ainda assim, através da sonoridade o sujeito experimenta sensações, emoções e recebe informações que criam o contexto e o cenário em que se desenrola o fato (Lopez, 2010, p.128).

Espera-se usufruir da chamada “qualidade emocional do som” justamente para abordar os sentimentos, expandindo a experiência de escuta com a apuração teórica, a representação de tais emoções pelos personagens e as sensações advindas de um produto sonoro. Há um apelo peculiar quando uma história é contada em primeira voz, a distância entre quem fala e quem ouve se reduz:

Palavras escritas não carregam emoções. Muito menos as notas soltas de um acorde. Mas a leitura de um discurso feita de forma emotiva, aproveitando dos valores tonais e na ênfase do volume, carrega muito mais informação do que as palavras em si podem (Assis, 2011, p.65).

Nesta proposta, os *causos* se colocam como exemplificações do que os especialistas abordaram, sem qualquer tipo de anseio em definir um padrão de vivência, muito menos de validar ou legitimar experiências que se referem às individualidades de cada um. Existe, em cada parte do trabalho, um respeito por cada história confidenciada, que se coloca não como diretriz, mas apenas como exemplo.

Ademais, a seleção de um material diversificado foi, a cada etapa de produção, um exercício constante. O desejo pela pluralidade de vozes não se resume à minha concepção sobre essa específica temática, que retoma a necessidade de evidenciar as incontáveis possibilidades do sentir. Afinal, as discussões acerca de emoções adentram o campo do julgamento e de noções pré-concebidas que variam a cada indivíduo.

Em filosofia, Anthony Kenny (fazendo eco a uma distinção escolástica) defende a tese de que toda emoção possui (como uma questão conceitual) um objeto formal específico, que cumpre um papel definidor da emoção, e tal objeto formal é especificado em termos valorativos. A tese de Kenny é amplamente tomada como um desiderato a ser satisfeito por toda teoria da emoção (Ribeiro, 2017, p.191).

Não existe ainda, contudo, uma concordância plena de que a carga emocional é dependente dos valores ou se é o contrário. De certa forma, o produto final não se distancia por completo do debate sobre julgamento, afinal as vivências abordadas exibirão nas próprias falas resquícios de seus valores e concepções.

O compromisso com uma multiplicidade de fontes se sedimenta no que entendo ser essencial à prática jornalística. Se não me é possível a imparcialidade absoluta, que eu então amplie os debates, busque narrativas à margem dos holofotes e aproveite as potencialidades de um meio que se reinventa a todo momento.

A proposta deste Trabalho de Conclusão de Curso é a produção de um podcast que funcione como um mapa sentimental. Na prática, cada episódio apresenta um sentimento

em destaque a partir de uma história. É essa narrativa que orienta a sub-temática e influencia a escolha dos especialistas que contribuirão para a reflexão acerca da emoção evidenciada. No primeiro episódio, tratado como episódio piloto, o sentimento escolhido foi o amor. Durante a delimitação do projeto, o tema “amor” se mostrou o mais vasto, o que deu a entender que também seria o mais tranquilo de abordar, haja visto o número de produções, acadêmicas ou não, sobre o assunto. Contudo, foi durante a produção que esse sentimento mostrou todo o seu potencial, já que é possível ramificá-lo em incontáveis aspectos, tais quais: amor romântico, amor sexual, amor narcísico, amor platônico, amor-próprio, entre outros. Essa característica foi útil à elaboração de um TCC que, essencialmente, exhibe enorme liberdade de pesquisa.

O processo de apuração consistiu na escuta de diferentes *causas* que apresentam, ao menos, o tópico “amor” como ponto de convergência. Houve variedade em seus desfechos, positivos ou negativos, e em seus tipos, que passearam no espectro de romântico ao platônico. Optei pela narrativa que mais me despertou curiosidade e que se mostrou desafiadora no âmbito da criação de um produto a partir daquelas informações. Apesar de existir a premissa do amor romântico, a história do episódio, de imediato, evidenciou algumas margens para outros tipos de conversas sobre esse sentimento.

Mostrou-se possível, por exemplo, tratar do “apaixonamento”, o momento em que se identifica que está amando, e seus impactos psicocomportamentais. Não obstante, foi notável a necessidade de destacar como o tempo afetou e ajudou a construir vários relacionamentos. Por isso, é interessante pensar que o piloto abrange amores, não se limitando assim apenas ao casal principal.

A participação de especialistas, isto é, de profissionais de diferentes áreas do conhecimento, justifica-se pela necessidade de utilização de ferramentas do Jornalismo para que se cumpra requisitos do trabalho prático. Com a atuação desses indivíduos, objetiva-se ampliar a discussão sobre um assunto que gera inúmeras interpretações. A ideia original contava com entrevistas com uma neurocientista, uma psicóloga e uma pesquisadora sobre Ciência da Religião.

Entende-se a participação de uma neurocientista como maneira de explicitar as reações físico-químicas do processo de apaixonamento. Há duas décadas, Helen Fisher¹, renomada pesquisadora sobre o comportamento humano, conduziu tomografias de ressonância magnética para identificar as alterações no cérebro de indivíduos que se deparam

¹ Helen E. Fisher compõe a equipe de pesquisadores do Kinsey Institute da Universidade de Indiana. Fisher possui Doutorado no campo da Antropologia Biológica, com ênfase na psicologia, na biologia e na química das relações românticas interpessoais.

com imagens de pessoas queridas. Nesses experimentos, o cérebro se tornava mais ativo em regiões ricas em dopamina, um neurotransmissor associado às sensações de prazer e satisfação. Uma análise ainda basilar indicou um universo de possibilidades de pesquisa nesta área da neurociência comportamental. Para o TCC, a presença da neurocientista visava destacar os estudos mais atuais.

O psicólogo, por sua vez, se coloca a analisar o comportamento de um indivíduo que se apaixona e se ilude ou desilude. Aborda-se ainda noções sobre expectativas e atritos no relacionamento. As teorias que investigam os sintomas do amor na sociedade não são recentes, nem mostram consenso. Como Thiago de Almeida, Doutor em Psicologia pela Universidade de São Paulo (USP), destacou em sua tese:

[...] o ato de amar foi pensado, ao longo da História da Filosofia, como princípio fundamental para o entendimento da natureza humana. [...] Logo, o amor enquanto um fenômeno passível de ser estudado, não se permite esquadriñar facilmente por todos aqueles que tentam compreendê-lo em sua totalidade. (De Almeida, 2017, p.27).

A própria psicanálise ramifica o que se entende por amor. O psiquiatra Sigmund Freud, em “Introdução ao Narcisismo” de 1914, já tratava de duas formas de amar: o amor narcísico e o amor anaclítico. Para o estudioso austríaco, fazemos uma escolha por alguém que se espelha em nós mesmos - o que somos ou o que desejamos ser - ou amamos quem se sobressai na nossa vida com uma função de proteção. Este ato de amar uma pessoa, portanto, carrega as noções e complexidades de um amor-próprio.

No episódio piloto, a meta é que a psicóloga colabore com comentários que se baseiam na bagagem teórico-prática do profissional. Essas observações, que em nada podem afetar a narrativa escolhida, têm o potencial de auxiliar na percepção de outros sujeitos, os quais se identificam com as características exibidas. Nesse processo, considera-se a narrativa do episódio como uma exemplificação de ações e conceitos amplos, isto é, parte-se de uma situação da história para que se chegue em uma discussão, que poderia ter contexto diverso.

A pesquisadora, em contrapartida, não almeja se aprofundar em referencial teórico no programa. A ideia de adicionar tal figura é uma tentativa de salientar a porção não científica de todo e qualquer assunto. Além disso, mostrou-se importante a presença de uma entrevistada que desse conta da porção mística da história central. Entende-se a sua participação como um jeito de contextualizar cenas marcantes da narrativa para os ouvintes

que não têm contato com a espiritualidade. Mesmo que não haja vivência naquele espaço, o entendimento sobre a dinâmica daquela fé, ao meu ver, possibilita que o consumidor deste produto acesse emocionalmente a história, o que se configura a maior ambição do podcast.

3. DIÁRIO DE PRODUÇÃO

Comecei a falar sobre o podcast, enquanto projeto de conclusão, em meados de 2022, momento em que não existia ainda a real necessidade de definir o objeto. Havia, contudo, uma ansiedade em mim para iniciar o ano de 2023 com uma ideia concreta, possível e bem-estruturada. No final de janeiro, acertei com o meu então professor de Laboratório de Radiojornalismo a orientação. Em três meses, tivemos conversas para delimitar mais uma proposta ainda vaga. Eu descobria novas referências neste universo brasileiro de podcasts e me atrapalhava na minha própria ideia. Dentre elas, fizeram-se presentes o Rádio Novelo Apresenta, a Rádio Escafandro e o 37 graus, que influenciaram do início ao final do projeto.

A conclusão do TCCI ocorreu bem antes do fim do primeiro semestre de 2023, o que me permitiu começar a elaboração do TCCII com bastante antecedência. Entretanto, na época em que eu começaria parte das gravações, produzindo finalmente a porção prática do projeto, uma oportunidade profissional se mostrou interessante, o que me fez recuar no processo de formatura e, por conseguinte, pausar a realização do podcast.

Na teoria, me afastei da disciplina de TCCII durante quatro meses, mas pensei e trabalhei constantemente na ideia até a retomada oficial, no início do semestre 2024.1. Nesse período, ampliei minha escuta de podcasts, além de me dedicar às leituras recomendadas sobre o formato. Esse tempo sem prazos me possibilitou uma visão clara sobre a proposta e sobre os meus próprios gostos e objetivos. Pude identificar padrões nos produtos que estava consumindo, percebi ganchos de roteiro que me prendiam e outros que me distraíam, entendi um pouco melhor onde desejava inserir meu trabalho neste espaço tão livre e diverso.

Assim que a estrutura foi definida, isto é, os três especialistas e uma personagem, eu já sabia qual história tentaria. Há meses, eu pensava em um comentário de um amigo meu sobre o amor da vida de sua mãe. Ela, em variados momentos, mencionou esse amor, dizendo que não havia podido ficar com ele. Porém, ela nunca se alongou, nunca explicou de fato o que havia acontecido. Entrei em contato para saber se ela toparia participar do episódio e essa se concretizou na primeira recusa que tive no projeto. Passaram-se algumas semanas até que eu desse chance à segunda tentativa, no final de outubro de 2023. Foi na busca desesperada por personagem, quando decidi mandar inúmeras mensagens para variados amigos e conhecidos, que esbarrei na narrativa curiosa de Renata Paraquett, a que se tornaria personagem principal. Gostei dos encontros e reencontros, da premissa de destino e sorte. O aceite foi imediato e uma parte de mim sossegou. Essa entrevista, todavia, só foi concluída no dia 20 de abril de 2024.

Nesse meio-tempo, obtive outra recusa de participação, referente à fonte da psicologia. Novamente, foi necessário um segundo esforço para garantir a entrevistada. No dia da entrevista, contudo, surgiu um impasse por parte da psicóloga. Por se tratar de uma história real, ela pensou que sua participação pudesse ultrapassar limites éticos da profissão e, devido a isso, acabou recusando. Na época, precisei de mais umas três semanas para acertar com uma nova fonte. Tive uma breve conversa com Cecília Franco, a terceira profissional de Psicologia que tentei, para apresentar a ideia da entrevista, que foi prontamente aceita, e duas semanas depois, já no início de junho, realizamos a gravação.

A figura de especialista em Ciência da Religião, por sua vez, foi a mais fácil de encontrar. Eu já conhecia a Daniela há algum tempo e sua pesquisa veio à mente de imediato quando defini a área de conhecimento da segunda entrevistada. A entrevista foi feita no princípio de maio, sem qualquer tipo de imprevisto ou problema.

De longe, o processo mais complicado de todo o TCC foi conseguir uma fonte da área da Neurociência. Foram bons meses nessa busca que percorreu a Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), a Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Entrei em contato com cinco profissionais que possuíam pesquisa e experiência no campo das emoções. Das cinco, duas professoras haviam sido indicadas por conhecidos meus e uma foi a sugestão do Programa de Pesquisa em Neurociências da UFRJ. Até o dia da primeira edição do material bruto, eu não havia tido retorno de nenhuma fonte.

Torna-se, então, válido destacar não apenas as rejeições, mas também os convites não respondidos. Isso é, infelizmente, contexto dos mais comuns na graduação, o que nos faz aprender, quase que na marra, que o silêncio diz tanto quanto uma resposta completa. A dificuldade em conseguir um profissional da área de Neurociência, especificamente do campo das emoções, me fez preencher o espaço da quinta entrevista - sendo a terceira dos especialistas - com texto próprio, que foi baseado em algumas pesquisas. Apesar de não ter sido o plano original, fiquei satisfeita com essa decisão que me possibilitou dar prosseguimento ao trabalho.

Esse longo processo, entre pausas, leituras e escutas, me permitiu entregar um pré-roteiro muito ajustado e claro nos primeiros dias de abril. Um arquivo como esse, também chamado de mapa do episódio, é basicamente um esqueleto das informações que você possui. No meu caso, eu tinha várias partes-chave da narrativa, as quais organizei na ordem cronológica que me passaram. Preparei um pré-roteiro linear, com tópicos e perguntas para cada bloco, mas desejava produzir um *roteiro em e*. Esse modelo consiste em começar o

episódio em um ponto destacado da história, em geral no meio ou no final dela, e depois retomar ao início cronológico. Dessa maneira, é possível evitar uma abertura cronológica, o que é a opção mais imediata de construção, e assim ousar um pouco na criatividade. No entanto, eu optei pela linearidade do mapa do episódio apenas para facilitar a minha organização para a entrevista que, na época, ainda aconteceria.

Com a conclusão das entrevistas principais, isto é, da personagem principal da narrativa, Renata Paraquett, e da secundária, Manuela Paraquett, surgiu a vontade de alterar a estrutura e assim dar vazão ao desejo de *roteiro em e*. A atualização do pré-roteiro apresentou mudanças em todos os blocos, com exceção do último. Eu especifiquei que os recortes de falas convergem para reflexões sobre o destino e criei um ponto não cronológico de início da narrativa: o momento em que Manuela escuta, pela primeira vez, a história de seus pais. Há duas razões para essa escolha. O primeiro é gerar curiosidade sobre o *causo* em si; fomentando questionamentos sobre o quê de especial existe nesse conto. Até mesmo a pausa nessa explicação, isto é, a decisão de “voltar mais alguns anos”, foi motivada pela vontade de “prender” o ouvinte. O segundo motivo se refere à tentativa de chamar a atenção do ouvinte com a dúvida da importância de Manuela, sendo ela um elemento importante da história, apesar de não ser exatamente detentora dela.

Percebi que havia me afastado da ideia primogênita durante a montagem da primeira versão do roteiro. O nome do podcast, “História sentida”, ressalta a compreensão, principalmente a escuta, de uma narrativa sob a ótica de sentimentos, valorizando a carga emocional do *causo*. Cada episódio, assim, objetivava destacar um tipo de emoção. Apesar de enfatizar o amor romântico, o episódio piloto passou a ser entremeado por muito mais amores. A proposta de mapa sentimental resistia, porém a narrativa não poderia se restringir ao amor, e sim partir dele para outras tantas reflexões. Daí também as abordagens científicas sobre comportamento, expectativa, conflitos e traumas. Além disso, a parcela mística, dos eventos inexplicáveis, tornou-se pilar da estrutura que eu construía, pois permitiu o aprofundamento de emoções que eu sempre desejei.

Penso que a escrita do roteiro foi trabalho de ligar os pontos, de desembaralhar todas as cartas que descansavam à frente, isto é, instigante, um tanto confuso, mas muito prazeroso. Senti que tudo que eu precisava estava ali, registrado e identificado, bastava eu organizar os parágrafos, as cenas e os blocos.

Destaco agora especificidades técnicas do processo de gravação e edição. As entrevistas das personagens foram realizadas presencialmente. Na captura principal de áudio, utilizei um microfone de lapela nas entrevistadas, que registrava o arquivo sonoro no meu

celular através do *Bluetooth*. A qualidade de som me surpreendeu tanto, que optei por gravar a minha locução com esse mesmo equipamento. As outras duas entrevistas foram feitas remotamente, todas pela plataforma *Zoom*, que permite a gravação das chamadas com a possibilidade de exportação dos áudios em faixas separadas, o que auxilia enormemente na edição. Todas as entrevistadas utilizaram fone de ouvido com fio e estavam em espaços minimamente silenciosos. Em conclusão, fiquei satisfeita com a qualidade de áudio que obtive nas gravações.

Tomou-me tempo a edição, já que eu tinha pouca experiência em construir sonoramente uma história. Isso foi, igualmente, estimulante. Optei por softwares gratuitos que tivessem uma interface intuitiva e razoavelmente simples, em virtude, primeiramente, da minha inexperiência com áudio. Com o pouco que sabia do Audacity, fui capaz de editar todo o material. As vinhetas e BGs não possuem direitos autorais e foram encontradas em sites como *Pixabay* e *Mixkit*, e aplicativos como *SoundQ*. Cada arquivo foi selecionado com uma função específica dentro do desenho de som. Passei a pensar, ademais, que fazia sentido desenvolver um Trabalho de Conclusão de Curso com o mais simples que há disponível. As plataformas gratuitas, além de serem acessíveis, incitam a criatividade pelos recursos limitados. Havia vontade de tentar um produto diferente com ferramentas que qualquer um pode acessar. Em uma tentativa de ser bem técnica, ainda que simplista, o processo de edição consistiu em recortar as sonoras, já identificadas pela minutagem, e juntá-las em uma faixa separada da faixa original de gravação. Foram feitas três faixas de cortes, pois juntei as participações das especialistas em um único arquivo. Com as falas recortadas, pude organizar cada sonora na ordem do roteiro, adicionando a minha locução e construindo com sons o episódio.

A locução foi outra etapa um pouco trabalhosa, porém divertida. Como descrito acima, utilizei o mesmo microfone de lapela das entrevistas anteriores e fiz a gravação em um momento de silêncio em casa. Em uma outra ocasião, caso seja possível, eu experimentaria fazer tanto as entrevistas, quanto a locução, em um estúdio. Para este trabalho, me bastou a qualidade dos equipamentos que eu tinha disponíveis e aceito as imperfeições deles e da minha própria produção como aprendizados.

Por fim, a escrita deste memorial não foi trabalho algum. Este diário começou a ser produzido na primeira disciplina de TCC, por isso o registro desse projeto sempre me foi natural. O exercício teórico, que se exige o TCCI, foi uma experiência interessante no final da graduação.

Foi igualmente agradável utilizar conhecimentos de outras disciplinas na produção deste projeto; isso, inclusive, me dá uma sensação de que finalizo bem a minha graduação. Como suporte, tanto do TCC, quanto do podcast, me propus a criar um site e uma rede social. Utilizei a plataforma Wix, que já me era familiar, e elaborei um site de fácil navegação. Preocupei-me em deixar intuitivas as abas da plataforma, como o menu, e a maior parte dos elementos, sejam eles textos ou caixas, são interativos, ou seja, é possível clicar e acessar o conteúdo linkado.

Essa decisão parte da necessidade de um meio de divulgação, considerando não só a vontade de expor o trabalho, mas também pensando na possibilidade de continuar esse projeto. Portanto, o objetivo da rede social, no caso um perfil no *Instagram*, é de divulgação e de contato com o público. O site, por sua vez, possibilita uma imersão no produto com abas sobre o podcast, o episódio e conteúdos extras. Quis, além disso, tornar pública a transcrição do episódio como ferramenta de acessibilidade. Em conclusão, foi criado um *e-mail* para o podcast a fim de não ter vinculação direta das minhas contas pessoais com o projeto. O endereço eletrônico historiasentida@gmail.com serviu para o cadastro do site - historiasentida.wixsite.com/podcast, para a criação do perfil no *Instagram* - @historiasentida - e é válido para eventuais contatos.

A última etapa foi disponibilizar o episódio no aplicativo *Spotify*. Para isso, fiz o upload do arquivo de áudio no *Spotify for Podcasters*, antigo *Anchor*, que funciona tanto como site de hospedagem do episódio, quanto como agregador. A inserção do arquivo e o preenchimento das informações do programa foram intuitivas e gratuitas.

4. ROTEIRO DO EPISÓDIO PILOTO

Apesar de ter montado um roteiro esteticamente diferente, optei por adequá-lo, minimamente, às normas do TCC, respeitando assim a fonte, o tamanho e o entrelinhamento. As informações, no entanto, são as mesmas, como a minutagem, o tempo das sonoras e o texto. O título, “Destino Embaralhado”, parte da fala de uma das entrevistadas sobre a vida. O trecho, inclusive, aparece logo na abertura do episódio. A construção de um roteiro “sanduíche”, de início e fim com textos similares, estimulou a inserção dessa ideia de cartas também no título. Um dos pilares do episódio é a variedade de jeitos de se olhar a vida. Apresenta-se crença em destino, em sorte, mas também no livre arbítrio, nas decisões pessoais. Retratar escolhas de vida enquanto cartas a serem desembaralhadas pareceu uma forma interessante de discutir o assunto.

ROTEIRO DESTINO EMBARALHADO (21’45’’)

> **VINHETA:** O podcast História sentida começa agora. (15’’)

> **BG INSTRUMENTAL 1 ENTRA**

LOC 1: A vida *tá* traçada? Existem situações predestinadas a acontecer? Será que foi o destino que te colocou a ouvir o primeiro episódio deste podcast agora?

RENATA 1 [10:20 - 10:24] : *Só que a gente pensa que a gente manda na vida da gente e a gente manda mais ou menos, né? (4’’)*

LOC 2: Bem mais ou menos... Mas a gente tem a chance de viver muitas coisas e tirar delas várias interpretações. Às vezes, podemos pensar até que alguma coisa *tava* fadada a acontecer.

MANUELA 1 [17:15 - 17:23]: *Cara, não tá traçado, você tem aí as cartas, você vai escolher, você vai traçar da melhor forma. (8’’)*

LOC 3: O História Sentida traz hoje uma história de amor.

Quer dizer... Uma história que tem muito amor, mas também conta com algumas pequenas confusões, uns eventos inesperados e muitas dúvidas sobre destino.

> **BG INSTRUMENTAL 1 BAIXA e ENTRA MANUELA 2**

MANUELA 2 [00:39 - 00:46]: *Acho que antes de eu falar da história, eu preciso falar porquê que eu soube da história. (7")*

LOC 4: Essa é a Manuela Paraquett, uma parte importante de toda essa narrativa. // Tem gente que considera a Manu um fechamento de ciclo, aqui ela vai dar início a ele. // Na breve apresentação, ela me disse o nome, que tem 23 anos e que é...

MANUELA 3 [00:20 - 00:26]: *[...] filha da Renata, filha do Marcelo, irmã da Raissa e irmã do Paulo Ivo. (6")*

LOC 5: Até aí tudo bem.

MANUELA 4 [00:48 - 00:57]: *Eu sempre fui uma criança muito curiosa, sempre gostei muito de ouvir as coisas. Eu digo que a minha mãe é a minha melhor amiga desde que eu nasci, porque a gente sempre teve uma troca de igual para igual. (9")*

LOC 6: Aí, a Manu decidiu voltar 10 anos para contextualizar o momento em que ela descobriu a história dos pais dela.

MANUELA 5 [01:46 - 01:54 // 13:09 - 13:12 // 13:20 - 13:30]: *Ela sempre falou muito isso. Você não foi planejada, mas você foi muito desejada. // A gente começou a morar junto, nós cinco [...] // E aí quando eu cresci, eu fiz até uma tatuagem do cruzamento de caminhos deles; que é 1983 e 1998. (21")*

LOC 7: Hum, perai. Vamos voltar mais alguns anos?

> **BG FITA**

>> **TRANSIÇÃO [BG FITA BAIXA e ENTRA RENATA 2]**

RENATA 2 [00:11 - 00:16 / 00:19 - 00:22]: *Eu estudei no Salesiano e lá eu conheci o Marcelo. [...] // E desde a primeira vez que eu vi Marcelo, mexeu comigo. (8")*

> **BG ALARME ESCOLA A PARTIR DE “Salesiano”**

LOC 8: Quem acabou de falar é a Renata Paraquett. Isso, a mãe da Manuela. Era 1983, em Santa Rosa, bairro de Niterói. Eles demoraram alguns meses para dar o primeiro beijo e, de acordo com ela, foi uma loucura.

RENATA 3 [00:40 - 00:57 // 20:28 - 20:49]: *Muita paixão, muita paixão. Só que... o que que acontece... A gente era muito jovem. Eu, como mulher, queria um namorado firme. Queria ficar com ele... por mim, ficava com ele a vida toda. Ele não, né? Primeiro, porque era muito bonitinho. Segundo que [...] // Ele chamava a atenção. Gente, era horrível. Eu sofria muito... [risos] Eu morria de ciúmes, porque assim a gente brigava, terminava e ele ficava com outra menina na minha frente, entendeu? Não queria nem saber. Pra mim, aquilo era a morte, cara. Era uma loucura. (39”)*

LOC 9: A Renata, hoje em dia, pensa que aquele namoro foi marcado pela imaturidade dos dois. Ela reconhece que era muito dominadora e que fantasiou muita coisa que a realidade mesmo não dava conta.

CECÍLIA 1 [23:36 - 24:02]: *[...] o ciúme me parece que ele diz muito mais acerca de quem sente do que do outro. [...] indica uma necessidade que a pessoa tem de controle. É um pseudo controle, porque na verdade ninguém tem o controle sobre o outro. (26”)*

LOC 10: A psicóloga Cecília Franco me explicou que o sentimento de ciúme surge da insegurança e ela discorda daquele papo de que o ciúme é irracional.

CECÍLIA 2 [27:35 - 27:52 // 26:06 - 26:21]: *[...] ele é como qualquer emoção, ele é. As emoções são neutras. O que pode ser irracional é o processo cognitivo que muitas vezes é distorcido em relação a determinada circunstância onde o ciúme se manifesta. // Poderia se esperar que o amor maduro acompanhasse o desenvolvimento biológico, o que não é necessariamente a verdade. (32”)*

LOC 11: É, a Renata realmente levou algum tempinho.

RENATA [22:17 - 22:26]: [...] até pra gente entender, sabe, porque amor, cara, não é posse. Só que você pra entender que amor não é posse precisa de um pouco de maturidade. (9”)

LOC 12: O namoro jovem, de muitas discussões e pequenos terminos, durou quatro anos. Renata e Marcelo decidiram pelo fim de uma relação e ali se iniciou um longo período sem contato direto entre os dois.

RENATA 4 [06:16 - 06:21 // 06:42 - 06:46 // 06:51 - 06:55]: Pra mim, era página virada totalmente. Eu saí da relação da primeira vez muito magoada [...] // [...] eu tive certeza de que tinha acabado completamente. // [...] Na minha cabeça, era um grande amor que tinha ficado pra trás. (13”)

> BG INSTRUMENTAL 2

>> TRANSIÇÃO [BG BAIXA e ENTRA LOC 13]

LOC 13: Não ficou tão pra trás assim. É verdade que eles ficaram afastados por 10 anos e cada um havia constituído a própria família. A Renata se casou e teve uma filha. O Marcelo também se casou e teve um filho. Mas, em 1998, estavam os dois novamente solteiros.

RENATA 5 [07:35 - 07:50]: Ali mexeu muito comigo. Nossa, nossa. Como se não tivesse passado o tempo. Mas não foi proposital, não achei que isso aconteceria de jeito nenhum. (15”)

LOC 14: Alguém pode dizer que era sim o destino fazendo com que um caminho cruzasse o do outro mais uma vez. Mas nem a Renata, tampouco o Marcelo, gostam de falar em coisas predestinadas. Ela, na verdade, teve contato com a mãe de Marcelo durante toda a década em que esteve afastada do ex-namorado.

RENATA 6 [07:14 - 07:24]: Eu trabalhei 10 anos no Banco do Brasil e a mãe dele era minha pensionista. Então eu tive contato indiretamente a vida toda. (10”)

LOC 15: Foi através da ex-sogra o reencontro. Renata levava doces encomendados pela mãe de Marcelo, quando se viu novamente na presença do seu antigo amor. Não custa nada um empurrãozinho no destino, né?

> **BG SOM AMBIENTE ENTRA A PARTIR DE “doces encomendados” e FICA ATÉ “aniversário da minha avó”**

RENATA 7 [08:27 - 08:42 // 08:50 - 09:07]: *A gente combinou de se encontrar no Campo de São Bento, porque era caminho da casa dela pro salão de festa. E nessa o Marcelo foi junto. Marcelo sabia que ia encontrar comigo. A gente não se via há 10 anos. // [...] Naquele dia mesmo ele me ligou depois e me chamou para sair, mas era aniversário da minha avó, então a gente não saiu naquele dia. Na semana seguinte, a gente saiu e aí a gente nunca mais largou. Aí a gente ficou junto. (32”)*

> **BG TELEFONE ENTRA A PARTIR DE “a gente saiu”**

>> **TRANSIÇÃO [BG BAIXA e ENTRA MANUELA 6]**

MANUELA 6 [02:00 - 02:15] : *[...] minha mãe sempre fala [que] ‘não é um conto de fadas, não é destino, não é nada disso’, mas é um encontro, pode ser, de almas. Não sei como eles consideram para eles. Mas eu leio muito dessa forma energética. (15”)*

LOC 16: Os 10 anos longe foram fundamentais. Em 98, eles eram pessoas diferentes das de 83. Eles tiveram tempo para amadurecer um em cada lado.

RENATA 8 [17:49 - 18:01]: *Nitidamente, um pro outro houve uma coisa... pra mim acendeu essa coisa de paixão mesmo, de muito amor, eu descobri uma coisa em sexo, por exemplo, que eu não tinha com o outro [...] (12”)*

MANUELA 7 [08:26 - 08:41] : *Ela, pela primeira vez, falou isso pra mim, eu não sabia até então. Ela fala que ela sentiu uma coisa muito louca, de tipo assim ‘caraca é ele de novo’, aquele suspiro, aquela coisa de coração acelerado. (15”)*

> **BG BATIMENTO CARDÍACO ENTRA A PARTIR DE “coração acelerado” E FICA ATÉ “Santa Catarina”**

LOC 17: A ciência sempre teve dificuldade em explicar a paixão. Muita gente tentou e muita gente tem tentado. A Maria Borges, que é professora no Departamento de Filosofia da Universidade Federal de Santa Catarina, foi bem direta ao mostrar o que acontece no nosso cérebro quando experimentamos o amor romântico.

Ela destacou dois neurotransmissores principais nesse processo: a dopamina e a serotonina. E nem se preocupa que isso aqui não é aula de biologia, então eu não vou me aprofundar muito. Mas escuta só.

> **BG INSTRUMENTAL 3 ENTRA**

LOC 18: Doses altas de dopamina estão associadas à sensação de prazer e à atenção, por isso o foco constante do apaixonado no objeto amoroso. E o outro neurotransmissor... e neurotransmissor nada mais é do que uma molécula, *tá*? Esse outro neurotransmissor foi a serotonina, que *tá* mais ligada ao nosso humor e à sensação de bem-estar. Os níveis de serotonina caem, isso também acontece nos transtornos de compulsão, por exemplo. //

Eu podia ficar falando e falando... Já existem até pesquisas com ressonâncias magnéticas que indicam as regiões mais ativas do cérebro quando o sujeito *tá* apaixonado! Mas eu vou deixar que a Renata resuma o que ela sentiu no reencontro.

> **TRANSIÇÃO [BG BAIXA e ENTRA RENATA 9]**

RENATA 9 [01:46 - 01:55]: *E foi assim como se tivesse sido no dia seguinte do término, sabe? Uma coisa muito muito forte. (9")*

LOC 19: Mas não se esqueça: o reencontro foi em 1998, 10 anos depois do término. Iniciava ali o segundo relacionamento entre eles.

RENATA 10 [18:54 - 19:09]: *Então eu acho que a segunda fase vem desse jeito. Realmente de um completar o outro, com as imperfeições, porque não existe essa coisa de mundo perfeito. Não tem isso. (15")*

MANUELA 8 [04:06 - 04:22]: *Quando eles terminaram definitivamente nessa primeira parte, minha mãe pegou todas as fotos que ela tinha com ele e jogou no lixo. Botou num saco e jogou lá fora no corredor do prédio. E minha avó foi e pegou escondida, porque ela achou que algum dia aquilo podia voltar. (16”)*

> **BG INSTRUMENTAL 2 A PARTIR DE “jogou no lixo”**

>> **TRANSIÇÃO [BG BAIXA e ENTRA LOC 20]**

LOC 20: Ali, pertinho da virada do século, a Renata não pensava em engravidar mais. Além de já ter realizado o sonho de ser mãe com a Raíssa, a primeira filha, ela não tinha tanta vontade de repetir o processo da gestação.

RENATA 11 [02:08 - 02:30 // 02:42 - 02:48] : *Eu tive uma gravidez muito traumática. Não física, mas psicológica, porque eu fui muito rejeitada no primeiro casamento. Eu tive um parceiro que, enquanto eu não engravidei, a gente se dava super bem. A gravidez fez muito mal pra ele no sentido de assim... cada vez que ele me via transformando, transformando, ele se afastava mais. // Cara, com o Marcelo o negócio foi assim... uma explosão tão grande, um negócio tão doido que a Manuela veio de DIU. (28”)*

LOC 21 [EFEITO NA VOZ]: Para quem não está acostumado ao termo, DIU ou Dispositivo Intrauterino é um método contraceptivo. Esse dispositivo é inserido no útero da pessoa que gesta e pode ser hormonal ou não. Ainda não existe um método anticoncepcional com eficácia total, mas alguns chegam perto. O DIU, por exemplo, apresenta índice de eficiência de 99%.
// **[SEM EFEITO NA VOZ]** Ou seja, o negócio foi realmente muito doido para a Manuela aparecer ali.

RENATA 12 [02:44 - 03:11]: *E foi assim inexplicável, cara. Eu lembro perfeitamente a noite, eu sei a hora que eu engravidei. Eu acredito muito em energia, em espírito. A impressão que eu tenho nítida é que a Manuela tava esperando esse encontro realmente para vir. A Manuela fecha um ciclo de resgate, na minha opinião, total.*

LOC 22 [EFEITO 2 NA VOZ]: E você soube da gravidez, pela primeira vez, no terreiro de Umbanda, né?

RENATA 13 [12:06 - 12:44]: *É, foi essa mesma Moça. Aí já foi em outra situação. Cara, não tinha menstruação atrasada, não tinha nada ainda. Nada. Aí numa sessão, ela pegou e falou pra Rosi e pro Marcelo: tem uma neném vindo. Aí ‘não, não é possível, ela usa DIU, não sei o que’. E ‘não, tem, tá correndo aqui do meu lado, tem, e é um espírito que já tá há muito tempo por vir, que já era pra ter vindo, mas vocês seguraram’. E eu fiquei sabendo que estava grávida através disso. (38”)*

LOC 23: Manutenção do DIU em dia.

Menstruação, a princípio, no ciclo normal.

Mas surge novamente aquilo que é inexplicável. Essa figura que a Renata destaca, essa Moça, é uma entidade da Umbanda que Renata recebia, no tempo em que ela trabalhava no centro. E a gente pode, agora, se aprofundar um pouco em mediunidade.

> **BG MÚSICA OXALÁ ENTRA A PARTIR DE “e a gente pode”**

> **TRANSIÇÃO [BG BAIXA e ENTRA DANIELA 1]**

DANIELA 1 [26:20 - 26:41]: *Esse caminho que a gente segue é algo que foi combinado, digamos assim, antes do nosso nascimento, porque a gente acredita em encarnação. Então, de alguma maneira, é uma oportunidade que a gente tem de estar sanando ou minimizando carmas e débitos de vidas passadas.*

LOC 24: Quem fala é...

DANIELA 2 [00:03 - 00:23]: *Daniela dos Santos Barbosa. Tenho quase 49 anos e sou pedagoga de uma instituição privada, que é o SESI. Sou apaixonada por educação, sou apaixonada por pessoas. (20”)*

LOC 25: A Daniela se formou em Pedagogia, fez uma especialização em História e Cultura Afrobrasileira e Africana e tem um Mestrado na Universidade Federal de Juiz de Fora voltado pra trajetória terapêutica das pessoas dentro de um universo religioso.

> **BG MÚSICA OXALÁ ENTRA A PARTIR DE “trajetória terapêutica”**

> **TRANSIÇÃO [BG BAIXA e ENTRA DANIELA 3]**

DANIELA 3 [29:07 - 29:28]: *As pessoas que chegam como médiuns às vezes passam por situações que elas estão loucas, porque elas incorporam no meio da rua, desmaiam, fazem coisas que depois elas não dão conta. Ai há um desenvolvimento dessa mediunidade que na verdade é uma cobrança espiritual de trabalho. (21”)*

LOC 26: A Daniela explicou sobre a caridade que se alinha ao desenvolvimento espiritual de uma pessoa. É algo que preenche a vida de Renata, de Daniela.

DANIELA 4 [22:09 - 22:30 // 37:08 - 37:14 // 40:09 - 40:17]: *[...] é uma troca de amor tão intensa, tão profunda, tão incrível que faz você entender até o que você está fazendo aqui, nessa vida, nessa terra, porquê que você vive tantas provas, tantas coisas, tantos desafios. // Existem razões, mas essas razões são mais astrais do que humanas. [...] A gente sente e é. É a fé mesmo que guia. (35”)*

> **BG MÚSICA OXALÁ ENTRA A PARTIR DE “a gente sente”**

LOC 27: Para os que estão em contato com alguma fé, parece não existir qualquer necessidade de explicação do que acontece por aí.

> **TRANSIÇÃO [BG BAIXA e ENTRA RENATA 14]**

RENATA 14 [23:33 - 23:36]: *O espiritismo me dá a certeza de continuidade. E isso, pra mim, é fundamental. (3”)*

MANUELA 9 [12:42 - 12:49] : *E ela sempre sentiu dentro dela que eu ia vir; que não ia ter o aborto. (7”)*

LOC 28: O DIU pode ser ou não removido durante a gravidez. A equipe médica avalia a idade gestacional e a própria posição do dispositivo no útero. Acaba que a presença do DIU na gestação aumenta bastante o risco de um aborto espontâneo.

MANUELA 10 [12:53 - 13:02 // 13:15 - 13:26] : *Ao mesmo tempo que tinha o nervoso da hemorragia, de ser algo sério, ela tinha a tranquilidade de saber que ela*

ia continuar estando grávida. Minha mãe sempre foi uma pessoa muito espiritual [...] // Teve isso de eu não entender que eu era desejada... E aí quando eu cresci, eu fiz até uma tatuagem do cruzamento de caminhos deles; que é... (20”)

LOC 29 [LOC ENTRA POR CIMA DA MANUELA 10]: 1983 e 1998! Agora os caminhos se cruzam, as coisas se encaixam... Ou, no caso do DIU, talvez se desencaixem.

RENATA 15 [14:52 - 15:18]: *Manu teve um problema, ela devia ter uns 13 ou 14 anos. Uma prima minha até que pegou. Ela tinha problema de achar que ela não tinha sido desejada. Então eu tive que contar pra ela a minha história no sentido de ter ficado 3 meses de cama, perninha pra cima, sem poder trabalhar, sem poder fazer nada, pra que ela ficasse. Aí ela conseguiu entender a importância que ela tinha como filha pra mim. (26”)*

MANUELA 11 [01:25 - 01:48]: *E minha mãe para me acalmar e eu entender que eu era aceita tanto quanto meus irmãos, que foram planejados, ela me contou toda a narrativa de “seu pai é o amor da minha vida, você veio desse fruto mesmo que não planejado, mas desejado”. (23”)*

RENATA 16 [03:36 - 03:50 // 03:58 - 04:13]: *A gente está junto há 26 anos. E, claro, já passamos por muita coisa difícil, tanto emocional, financeira, profissional. // [...] Mas eu tenho uma história de vida muito realizada. Eu sou extremamente realizada com relação a parceiro. Nunca tive dúvida de ser ele ou não. Não existe isso. (29”)*

LOC 30: Amor, como disse Cecília, enquanto ato de coragem. Não só de se render ao outro, mas de se render ao sentimento que você sente pelo outro. É ato de coragem, de auto-celebração e de respeito, porque você tem liberdade de afirmar o seu direito de escolha.

RENATA 17 [21:45 - 22:01]: *Hoje é um amor diferente. Hoje a gente está mais velho. A vida vai passando. É muita marca, tem que superar muita coisa. Deu super certo. Nossa, deu super certo. (16”)*

> BG INSTRUMENTAL 4 ENTRA e FICA ATÉ O FINAL

LOC 31: *Pra* esse episódio piloto, eu procurei uma história de amor. Foi assim que eu cheguei em Renata, Marcelo e Manuela. Foi, desse jeito, aliás, que me passaram: um namoro entre adolescentes, vários pequenos terminos antes do grande término, um reencontro, uma gravidez inesperada... Só que nunca foi apenas sobre o amor romântico entre os dois. Essa história dá conta de muitos amores e de muitas coisas que a gente não sabe explicar. Mas nós precisamos de explicação para tudo? Eu não sei nem se eu confio em destino. Eu acho que tem mais graça ver essas cartas todas por aí. //

LOC 32: Um sentimento. // Uma narrativa. // É isso que o podcast História Sentida vai trazer a cada episódio. // O episódio “destino embaralhado” foi desenvolvido para o Trabalho de Conclusão do Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Juiz de Fora. Ele foi orientado pelo professor Álvaro Americano e contou com a participação de Manuela Paraquett, Renata Paraquett, Cecília Franco e Daniela Barbosa. A produção, edição e locução foram feitas por mim, Giovana Erthal. Você pode ver mais informações sobre o projeto no site historiasentida.wixsite.com/podcast e no instagram @historiasentida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Talvez já seja desnecessário escrever que é imprescindível escutar podcasts para produzir um. Acredito que a escuta auxilia todas as partes do processo. Na minha experiência, foi escutando a Rádio Escafandro que senti vontade de me aprofundar - ou, ainda melhor, imergir - nesse universo. Foi com episódios do Rádio Novelo Apresenta, como o “Entre nós”, e do 37 graus, tal qual “O clone do pai da Bia”, que me identifiquei com o estilo de roteiro e narração que mais aprecio. E, por fim, percebi de maneira inescapável a importância do desenho de som com *Emotions*, episódio do podcast *Invisibilia*.

Eu tive - e ainda tenho - percepções rápidas sobre o que me agrada e o que me desagradava em produções de podcasts. Isso, todavia, nunca me impediu de tentar ouvir todo e qualquer tipo de produto. Até os que não pareciam se encaixar no que mais me interessa, receberam chance para que eu percebesse de jeito evidente os incômodos. Penso hoje que a escuta diversificada foi o que mais me ajudou no processo. Nada te mostra mais as suas preferências do que uma coisa que não te cativa.

Eu anotei, há mais de um ano, que este TCC seria uma mistura de tudo que escutei. Acredito nessa afirmação até hoje. De alguma maneira, em seus meandros mais inalcançáveis, “História Sentida” reúne inúmeros episódios e programas. Ele vai de “Definições”, do *Rádio Novelo Apresenta*, até “Sonhos de Zolpidem”, da *Rádio Escafandro*; de “Na jugular”, de *Alexandre*, até “Dia dos namorados ou amor narcísico?”, do *Psicanálise de Boteco*; de “Solidão gay”, do *vibes em análise*, até “Saudade (ou não sentir saudade)”, do *Introvertendo*.

Admito que adorei ser motivada - antes de dizer obrigada - a constituir um repertório próprio de referências. Não era mentira, há coisas boas na produção de TCC. Antes de detalhar a parte positiva, contudo, devo me dedicar às dificuldades. Nunca fui tão exigida por tanto tempo. Este TCC faz morada em mim há mais de dois anos e sua presença sempre foi sentida. Os problemas começam na definição do tema e não se esgotam até a defesa. No caso de um trabalho prático, todas as decisões referentes ao produto me consumiram, pois a liberdade de escolha me instigou incessantemente. Mudei de opinião sobre a temática em diferentes situações, demorei semanas e meses para definir atributos básicos como o número de entrevistados e, o mais inevitável que há, pensei em desistir mais vezes do que posso contar.

Destaco, especialmente, a dificuldade em conseguir uma profissional da Neurociência, apesar de me confortar com a minha insistência durante vários meses. A busca

por fontes foi tarefa de ser persistente. Deixando à margem as palavras, posso numericamente explicar este projeto com: 8 recusas de participação (considerando neste grupo convites sem resposta); 4 entrevistas com, ao menos, 30 minutos de duração, 2 tipos de pré-roteiros, 4 versões editadas do episódio, sempre de tempo inferior a 25 minutos. Além disso, enfatizo a consciência sobre pequenos erros nesta produção. Dediquei-me a corrigir os grandes incômodos, mas naturalmente deixaria passar detalhes, como chiados. Essa produção solitária, apesar de orientada, me trouxe parte do conhecimento sobre podcast que eu sempre desejei.

Escutar “*Destino Embaralhado*”, ainda em sua primeira versão, foi comovente. Embora seja um produto sonoro, eu tive a sensação de ter em mãos, concretamente, o episódio que eu tanto visualizei. Penso que a ambição não era construir sozinha um podcast que abordasse sentimento, mas sim trabalhar com a narrativa do jeito mais criativo e desafiador que eu pudesse, dentro dos limites do Jornalismo. Acredito que eu soube sair da minha zona de conforto de maneira ainda respeitosa com o que aprecio fazer. Este TCC conclui, em minha vida, uma etapa que não se restringe à trajetória acadêmica. “História Sentida” é produto do que vi, do que escutei e, de certa forma, do que sou.

REFERÊNCIAS

- ABPOD. **PodPesquisa Produtores 2021**. Disponível em: <http://abpod.com.br/podpesquisa/>. Acesso em: 06 mai. 2023.
- ALMEIDA, Thiago de. **O conceito de amor: um estudo exploratório com uma amostra brasileira**. Tese (Doutorado em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.
- AMARAL, Mauro Graça do. **Reflexões sobre o produtor independente de podcasts no Brasil pós-2016: estudo de caso dos podcasts Caixa de Histórias e Resumido**. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Faculdade de Comunicação Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022.
- ANDRADE, Luíza Nascimento. **Desafios e oportunidades do podcast na cultura participativa: uma análise sobre o projeto “Não Inviabilize”**. Trabalho de Conclusão de Curso - Universidade Federal de Juiz de Fora, 2022.
- BALSEBRE, Armand. **A linguagem radiofônica**. In: MEDITSCH, Eduardo. (Org.). *Teorias do rádio: textos e contextos*, v. 1. Florianópolis: Insular, 2005.
- BARBOSA, Daniela. **Orixás e guias espirituais como médicos do espaço: rituais e experiências de cura na Comunidade Espiritualista Alvorada (Juiz de Fora - Minas Gerais)**. Dissertação (Mestrado em Ciência da Religião) - Universidade Federal de Juiz de Fora, 2015.
- BORGES, Maria. **O amor no cérebro — Princípios: Revista de Filosofia**, Natal, v.22, n.38, 2015.
- DE ASSIS, Pablo. **Podcasting como ferramenta de distribuição de conteúdos digitais via internet**, anais do XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares de Comunicação (Intercom), 2010.
- DE ASSIS, Pablo. **O Imaginário do Áudio e do Podcast: re-imaginando o potencial da produção e da distribuição de áudio na internet**. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Linguagens- Universidade Tuiuti do Paraná), 2011.
- EVARISTO, Conceição. **Canção para ninar menino grande**. 2º edição, Editora Pallas, 2022.
- KISCHINHEVSKY, Marcelo. **Cultura da portabilidade Novos usos do rádio e sociabilidades em mídia sonora**. Observatorio Journal, 8, 2009.
- KISCHINHEVSKY, Marcelo *et al.* **Dossiê Podcasting e Remediação da Linguagem Radiofônica — Revista de Estudos em Mídia Sonora**, v.11, n.1. Mariana-MG, 2020.
- LOPEZ, Debora Cristina. **Radiojornalismo hipermidiático: tendências e perspectivas do jornalismo de rádio all news brasileiro em um contexto de convergência tecnológica**. Covilhã: UBI/LabCom Books, 2010.

MEDEIROS, Macello de. **Podcasting: Produção descentralizada de conteúdo sonoro**, anais do XXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares de Comunicação (Intercom), 2005.

PINHEIRO, Roseane; MUSTAFÁ, Izani; SILVA, Gessiela da. **Análise Audioestrutural do Podcast: atualização metodológica para formatos sonoros**. In: XV SIMPÓSIO DE COMUNICAÇÃO DA REGIÃO TOCANTINA, 2021, Imperatriz - Online.

PRIMO, Alex. **Para além da emissão sonora: as interações no podcasting**. Porto Alegre: Intexto, v. 2, n. 13, 2005.

RIBEIRO, Leonardo de Melo. **Emoções e valores: uma abordagem sentimentalista**. ethic@ - Revista Internacional de Filosofia da Moral, Universidade Federal de Santa Catarina, v. 16, n. 2, 2017.

VIANA, Luana. **Reportagens radiofônicas expandidas: a construção de um conceito**. São Paulo: Revista Parágrafo, v.6, n.2, 2018.

VIANA, Luana. **Jornalismo narrativo em podcasting: imersividade, dramaturgia e narrativa autoral**. Tese de Doutorado - Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora, 2022.

VICENTE, Eduardo. **Do rádio ao podcast: as novas práticas de produção e consumo de áudio**. Anais do XXVII Encontro Anual da Compós, PUC Minas, 2 a 6 de junho de 2018.